



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919
www.uniube.br/propep/mestrado/revista



ENTREVISTA - Formação de Professores

Entrevista realizada com o Prof. Marcos Vilella Pereirai¹, pela Prof^a Dr^a Ana Maria Faccioli de Camargoi².

O objetivo e a relevância desta entrevista é resgatar e registrar o trabalho do Prof. Marcos como gestor e professor cuja análise crítica e perspicácia são seus traços mais salientes. No campo da Educação têm desenvolvido trabalhos em diferentes instâncias do sistema de ensino brasileiro, principalmente, aquelas voltadas para a formação de professores ficando nítida a linha de continuidade de suas preocupações e investigações nessa área. Essa entrevista trata do cruzamento entre essas diversas experiências.

Com a palavra, Marcos Vilella Pereira.

gostaria que pontuasse como você vê a diferença entre gestão da pós-graduação e gestão de projetos educativos nas comunidades e municípios em que atuou.

Tem um 3º aspecto de gestão em que também atuei - a gestão em uma unidade de ensino. Atuei, como Coordenador do Programa de Pós-graduação e como Diretor de

¹ PUCRS, marcos.villela@puers.br.

² UNIUBE, ana.camargo@uniube.br.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919
www.uniube.br/propep/mestrado/revista



Faculdade de Educação em uma Universidade Federal e como Diretor do Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental, na Prefeitura de Santo André.

Entre a gestão do programa de pós-graduação e a gestão da unidade existe uma diferença grande. A gestão do programa de pós-graduação exige um movimento administrativo maior, pois ele está muito voltado para questões acadêmicas. O programa de pós-graduação além de ter uma carga administrativa pesada, ele é o traquejo, ele é o jogo da pós-graduação, ele é a pós-graduação em funcionamento e conseqüentemente muito mais acadêmico que administrativo. O que assola e tira o sono de um coordenador de programa é a coerência entre a dissertação e a linha de pesquisa, a definição conceitual dos grupos de pesquisa. São questões muito mais conceituais, mais apetitosas do ponto de vista acadêmico e é isso que lhe toma o tempo. Na administração da gestão da unidade de ensino da faculdade de educação, por exemplo, o que "pega" é a questão administrativa formal, neste lugar tu és empregador. E como diretor da unidade tu estás muito mais perto da administração central da universidade, da administração superior.

O trabalho na Secretaria da Educação e Formação Profissional de Santo André está organizado em dois grandes departamentos. Departamento de Formação do Trabalhador e Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental do qual era diretor. Nessa função lidava com quase 70 unidades escolares entre creches, escolas de educação infantil e ensino fundamental onde se vive uma outra ordem, um outro projeto. Na universidade trabalhamos com a formação do professor a uma distância gigante da realidade do ensino. Quando assumi a direção foi um impacto, um susto ao dar conta de quanta bobagem eu disse, de quanta inadequação, quanta



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



impropriedade cometi quando estava na universidade dando aulas na pedagogia e na pós-graduação em educação. Isso por não ter a dimensão do que é a rotina da escola.

Quando se está na universidade por mais que se acompanhe um projeto, por mais que se faça um estudo acompanhando uma historia de vida, acompanhando uma trajetória profissional, fazendo um estudo de caso, fazendo um estudo etnográfico nunca vamos dar conta de produzir verdades ou saberes suficientes para a vida do professor no seu cotidiano. O que se pode é produzir verdades, produzir saberes a respeito desse complexo sistema em que está envolvida sua vida. Quem está no meio desse furacão, que está no meio dessa arena que é viver 40 horas semanais dentro da sala de aula, acompanhando uma turma de alunos é quem está capacitado a opinar. Nós acadêmicos vemos de uma outra maneira, nem melhor, nem pior, apenas diferente. Não é o caso também de que o ponto de vista do professor que está na rede é verdadeiro e o nosso é falso. A questão é apostarmos na necessidade de dar ferramentas para o professor que vive a sua rotina na rede de ensino, seja particular ou pública, produzir também conhecimento. Esse é o truque. Não cabe a nós na universidade ficarmos produzindo conhecimento pra que ele o reproduza em sua rotina, ou considerar que nosso conhecimento é melhor. Não é uma questão de valor. Ele vai se servir do saber que produzimos na universidade para suas coisas, mas terá sempre que traduzi-lo. Não há verdade transponível, não há conhecimento transponível de um lugar para outro, e não é na universidade que vamos conseguir produzir esse saber. É no encontro desses dois pólos e mais para o lado do professor do que para o lado da universidade que está o conhecimento. Não quero desvalorizar nem colocar em questão a produção de conhecimento da universidade nem desqualifica-la. Quero dizer que é uma questão de propriedade com relação à prática pedagógica do cotidiano. A relação prática



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



pedagógica cotidiana é o professor que tem possibilidade, nós vamos ter possibilidades de inúmeras outras coisas que vão servir para esse professor, que poderão dar condições e possibilidades para ele poder pensar e chegar a um conhecimento que seja mais apropriado para ele.

A questão que está por traz desse complexo da formação e da produção de conhecimentos por parte do professor é que ele vive uma determinada prática, uma experiência, ele está fabricando o mundo. Ele está construindo certo jeito de se posicionar no mundo e um mundo que é sempre novo. E por mais que ele repita as suas operações, ele está sempre sendo atravessado por algumas situações que tiram do lugar. Essa é a dificuldade que esse mundo tem de se traduzir em palavras, de aparecer em palavras. O próprio professor na sala de aula se tiver que falar e contar sua experiência vai seguramente lhe faltar palavras e, não porque ele não tenha repertório, é porque na verdade lhe faltam palavras. Nós da universidade nos arvoramos a falar disso porque jogamos melhor com o que as palavras não dizem, cruzamos significados, operamos com palavras que tem mais força pelo seu sentido do que pelo significado, porque trabalhamos num campo que está mais na linha da representação sobre aquilo que acontece na sala de aula. Já o professor que está na sala de aula lhe importa o que acontece lá e ele precisa de palavras que digam aquilo que lá acontece. Deleuze fala que nós acadêmicos, ficamos nos preocupando com palavras justas pra dizer as coisas, perseguindo aquelas palavras nos nossos artigos, nas nossas teses, buscando as palavras justas para dizer. Para o professor lhe faltam palavras que não são as justas, mas palavras que deem conta de se colocar em funcionamento.

Assim, a diferença significativa entre a gestão de um programa de pós-graduação e a gestão de um departamento de uma rede de ensino, se dá nessa dificuldade que se



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



tem de fabricar um outro vocabulário, de fabricar uma outra língua, aprender um outro idioma. Eu tive que inventar uma outra língua para mim para poder falar com aquelas pessoas que já tinham uma língua que não era a que eu conhecia. Não é que as palavras não eram as mesmas. Não era isso. Eles também falavam em aprendizagem, em dificuldade, em aluno problema, em mãe, em pai, em conteúdo, em ciclo, em série, em palavras que não me eram estranhas, mas elas me remetiam a uma coisa que eu não tinha propriedade de aproximação. Eu precisei aprender outras palavras, aprender outro idioma para conseguir desenvolver um trabalho.

Operamos com uma perspectiva na pós-graduação na qual o professor desenvolve conhecimentos a partir de questões de base, não para dar receita. Entendo que nós não podemos dar receita, porque não temos competência para dar receita para professor, mas temos competência de dar pistas para ele pensar alternativas, e temos também como dar palpite, dar opinião, dar sugestão. Temos como dar matéria prima para ele poder inventar alguma coisa na sala de aula. Neste sentido é justo e óbvio que ele queira uma receita. Ele tem uma proposta dentro da cabeça, mas é ele quem lida com 25-30 crianças todas as manhãs de segunda a sexta-feira, com mãe espiando na janela, com um aluno carente, outro que surta e arrebeta os outros de porrete, com outro que não aprende a ler, enfim têm inúmeras situações dentro da sala de aula que demandam alternativas dele, naquele preciso momento. O professor tem que ser uma cornucópia de idéias, e nós podemos lhe oferecer uma variedade de ferramentas.

Essa é a grande diferença entre a gestão da pós graduação e a gestão de uma rede de ensino - a distância, a diferença do lugar de onde se olha, do lugar de onde se fala, da língua ou idioma. O mundo que vejo na pós-graduação é um, o que eu vejo quando



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



estou na rede de ensino é outro a despeito de às vezes usar as mesmas palavras. Aquilo que funcionava muito bem azeitado na pós-graduação, a coerência entre as palavras e as coisas que elas designam, vão por água a baixo, começam a entrar em colapso, quando se vai pra dentro da rede de ensino. As mesmas palavras não significam as mesmas coisas, e certas coisas não têm o mesmo nome que tinham. Porque elas têm variedades, porque elas têm lances, elas têm gradações, elas têm sutilezas que não enxergamos, assim como, do outro lado, também o professor e o pessoal que opera na rede têm um outro cotidiano e não enxergam as coisas que nós enxergamos na pós-graduação, no ensino superior, enfim em outro tipo de instituição. É essa insuficiência da língua e da palavra em falar e em fazer ver o mundo que produzem é a grande diferença. Nós da pós graduação temos olhos fabricados com uma sensibilidade diferente de um professor da rede de ensino fundamental na educação básica.

Quando comecei esse trabalho na prefeitura de Santo André precisei morder muito a língua, precisei fazer muito silêncio nos meus primeiros tempos para aprender a olhar coisas que eu não tinha olho para olhar. Eu não sabia ver, e dependia das pessoas, das minhas colegas, enfim, do pessoal que integrava a equipe do departamento. Aguardava que elas me ajudassem a olhar coisas que eu não tinha competência para enxergar, coisas que elas enxergavam, que eram óbvias. Do mesmo jeito eu as levava a olhar, eu conseguia fazer com que elas enxergassem e olhassem coisas que elas nunca tinham visto e que estava ali, tão próximo delas. Na verdade acabávamos fazendo uma troca muito legal de modos de ver, uns ajudando os outros a verem coisas que não viam. E nesse movimento ocorria algo que quebrava, botava abaixo o princípio da verdade ou da superioridade. Não havia superioridade de ponto de vista, de visão, de verdade. A minha verdade não era mais verdadeira do que a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



verdade delas, nem a verdade delas era mais verdadeira do que a minha. Porque eu era mais teórico e porque elas eram mais práticas, porque eu era acadêmico, isso não entrava em questão, porque não é uma questão de hierarquia. São verdades diferentes, conhecimentos diferentes, não um melhor do que o outro porque estão em posições diferentes. Esse movimento, eu não sei se é cooperativo se é colaborativo se é associativo, se é mutuo, não sei de que jeito se dá. O truque eu acho que é abrir, é aprender a olhar outros modos de ver. Importa abrir todas as janelas, abrir o olho, arrebrantar o rigor e assim você ficará meio afetivo. E o afeto é importante. Mas ressaltar, não é abrir os olhos indiscriminadamente.

Uma experiência complicada que tive na administração pública municipal, foi aprender a diferença e a distância, que existe entre a política pública e o programa de governo. Pensar política pública do meu ponto de vista é pensar uma ação ou um projeto para além das gestões governamentais. Uma coisa é pensar um projeto para o serviço, um programa de atendimento na escola, na escolarização da população, pensar algo que ultrapasse as diferentes gerações das diferentes gestões. Outra coisa é o programa de governo. Talvez o tempero para se chegar a isso seja extremamente complicado. Eu acompanhei essa transição tanto em Santo André como, mais à distância, a mudança em Porto Alegre onde vi acabar 16 anos de gestão de governo do PT e iniciar uma outra gestão de um outro partido. Como ficou a expectativa da rede de ensino, dos professores? O que pairava sobre a cabeça de todos era: E agora pode fazer prova, pode reprovar, como é que vai se chamar, vamos falar de conteúdo de novo? A expectativa criada no professorado era de que mudando a gestão mudaria a política, porque assim tem sido sistematicamente. No entanto a escola com todos os seus segmentos está ali, perdura para além de uma gestão política. Só que como tudo



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



muda, muda o vocabulário, não é mais reprovação é retenção, agora é promoção, aprovação é prova avaliação, muda o vocabulário, muda o jeito de atuar.

É por isso que quando o professor pede receita para a universidade consideramos isso uma arbitrariedade dele, que ele é inconstante, mas, temos de pensar que ele está sendo fabricado por nós que temos ocupado posições de mando, de gestão de governo.

Tenho acreditado muito pouco em conscientização, em libertação, em palavras dessa natureza. A própria questão da autonomia quando se pensa em uma construção coletiva não tenho conseguido acreditar. Tenho pensado que essas são alternativas que a gente pode conseguir em nível individual, por exemplo, quando alguns átomos são agregados. Acho que a perspectiva da emancipação, da autonomização vai se dar num trabalho mais pontual, mais próximo do tete a tete do que em movimentos de conscientização coletiva, trabalhando junto. Não posso pensar que sou eu que vou conscientizar alguém. E essa é uma crítica que já foi feita a Paulo Freire em outras instâncias, mas de alguma maneira continua-se pensando na formação política, que os partidos políticos iluminam as consciências pela preleção, pela prescrição. E o professor continua sendo como quem da lição de moral, continua sendo preceptor, fazendo a preleção. Isso é muito ruim porque ao se enfrentar as diferentes situações, não partilhamos. O que precisamos fazer é juntar as vontades de acertar, vontade de ser melhor, vontade de uma vida melhor, vontade de dar uma vida melhor para o aluno e para o professor. São esses desejos, essas vontades que precisam entrar em sintonia e precisamos ir tramando o que considero possível fazer com aquilo



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919
www.uniube.br/propep/mestrado/revista



que o professor também considera possível fazer. Mas, não porque ele tem demandas e eu atendo necessidades.

Os professores da rede têm saberes construídos no seu exercício profissional. Como esses saberes estão sendo utilizados ou poderiam ser aproveitados na formação continuada que a secretaria de educação realiza?

Eu aposto e acredito na roda de conversa, porque santo de casa não faz milagre. Primeiro porque não se trata de fazer milagre, mas de fazer trabalho partilhado. Têm experiências, têm alternativas e assim como defendemos a idéia de que a nossa experiência não pode servir de receita, o professor também sabe que a experiência dele não é receita. Mas se ele socializar sua experiência, bem ou mal sucedida, isso serve de matéria prima para os outros professores pensarem questões. Acredito que a trama, os fios da urdidura da formação continuada deve ser dado pela experiência dos professores. É dele que tem de vir a experiência. Como ele pensa em colocar em prática suas idéias. E onde entramos nós? Entramos naquilo que sabemos fazer, que é a reflexão em cima do que são os conceitos para justificar e dar consistência, para possibilitar a reprodução. Por exemplo, digamos que você toma de um lado o professor como sendo aquele que faz, aquele que sabe fazer, como o músico popular, o repentista. O acadêmico entra como aquele que transforma isso em notação. Toma de uma folha de linha pautada e transforma em nota, em desenho, as bolinhas montadas na pauta. São saberes diferentes, se o repentista olhar para as bolinhas nas linhas não vai saber o que fazer com aquela pauta, mas também se o músico erudito olhar para a embolada que desenhou naquela pauta, não vai saber reproduzir. São campos diferentes, saberes diferentes, um não é melhor nem é pior que o outro, eles precisam é estar entrelaçados.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



E do ponto de vista de formação do professor, o ponto de partida é sua própria prática. Penso que se não for assim a universidade vai tentar se arvorar a produzir uma proposta de prática, uma proposta de formação que seja universal, porque é assim que ela tem que pensar uma formação de massa, uma formação coletiva. Isso não existe, é impossível de se pensar. O que você pensa tem para cada situação uma ou várias alternativas em relação às circunstâncias. É a diversidade da prática que nos dá a matéria prima para devolver um trabalho. São experiências se cruzando com experiências, esse movimento de formigueiro mexido. É assim que a formação continuada deve acontecer. E nosso olhar vai procurar sistematizar esses acontecimentos e pontuar alguns caminhos que podem ser atalhos, e nem sempre o atalho é a melhor alternativa. Às vezes precisamos ir pelo caminho mais longo para dar conta de chegar ao lugar que se quer.

Isso que você diz demanda uma postura de quem está dentro da universidade, porque você pode ir numa escola com a vontade de fazer, e acreditando nessa trama, mas também pode ir lá determinando formas de fazer, e aí o condutor desse trabalho não será a prática do professor.

Vai ser o que tem mais poder que é o professor universitário. É aquele que se arvora de uma posição que sabe. É do poder é a condição de poder que ele tem. Pelo que temos visto o que se tem investido em formação de professor é muito dinheiro! E eu não conheço, nem sei se tem tantas pesquisas assim olhando para os resultados desse investimento.

O caminho, e acho que é muito legal você pontuar isso, é essa trama. Uma trama que tem como conteúdo o que o professor faz na sua prática. Sem torná-lo o absoluto. No trabalho de formação continuada não deve ter nem objeto nem senhor. Lembro-



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



me de outra passagem do Deleuze que está no livro Conversações. Ele diz que nesse campo das idéias, não é que estejam erradas é que elas não são interessantes, não têm importância. Ele diz que a noção de sentido das coisas está dada pelo interesse que elas podem ter e, no meio acadêmico, é comum as pessoas, pela irresponsabilidade ética, dizerem que as coisas não são interessantes, que algo está errado, ou que não concordam, ou que não é assim. Mas na verdade elas não têm é interesse por aquilo que está acontecendo. Para ele o que ocorre de fato é que nada está errado, tudo depende do interesse. Não se trata de contrapor modelos, de contrapor conceitos. Não vamos entrar nessa forma de trabalhar.

Disse o Ulisses lá em Homero, não suportamos mais um senhor nos mandando, mas também não suportamos que os outros não nos obedeçam, temos ao mesmo tempo, uma convicção, uma entrega para a relação de poder, que sempre precisamos de alguém que nos mande fazer alguma coisa por mais rebelde que sejamos e também sempre precisamos ter alguém abaixo de nós. Este é um jeito muito esquisito de se colocar no mundo. O ser humano é muito torto. Ele se coloca sempre em uma posição intermediária da relação de poder. Não podemos deixar de obedecer alguém, não podemos deixar de mandar em alguém. Quando se entra em uma posição, qualquer questão nos vale como moeda e nesse sentido, se é um professor universitário fazendo parte da pós-graduação, se é um acadêmico, um intelectual, é uma moeda importante para nos colocar num certo patamar de superioridade, e nos colocamos nesse intermediário que é abaixo dos nossos mestres, abaixo dos grandes autores, abaixo dos grandes sistemas e acima dos executores. A dificuldade desse entrelaçamento, desse entranhamento de idéias está em sair desse lugar estúpido que é fazer o papel de pivô, porque nele não ocupamos o lugar do tirano nem do escravo. Satisfazemos-nos em ocupar uma posição intermediária. Perpetuamos uma relação de inferioridade quando



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919
www.uniube.br/propep/mestrado/revista



dizemos, não em nosso nome, mas em nome de Michel Foucault, de Jean Piaget, de Vygotsky entre tantos outros, ou me coloco numa posição de superioridade criticando e escorraçando as pessoas dizendo o que ou o que não devem fazer.

Do ponto de vista político quais são as atividades mais significativas que podem ser implementadas por um município para a formação continuada de professores.

Acho que a primeira é uma condição decente de trabalho, isso significa biblioteca bem equipada em todas as escolas. E biblioteca bem equipada não significa só comprar os livros de preferência do secretário de educação, mas pensar que a biblioteca da escola deve estar disponibilizada aos professores para terem acesso aos clássicos, que o professor possa ler Comênios, Rousseau, John Dewey, bem como possa ter artigos e diferentes revistas. O professor precisa ter tempo para ler, tempo para estudar. Aquele professor que atua 40 horas semanais e está atolado de trabalho e mais a jornada que tem em sua casa: filho-s, marido ou esposa, compras no supermercado etc, não consegue aproveitar a vida, não saboreia a vida. É preciso pensar em políticas publicas que abram espaços e brechas dentro do horário de trabalho, dando possibilidade de outros pedaços da vida fazerem parte de suas vidas.

Do ponto de vista da formação, acho que a implementação dessas rodas de conversa, espaços como nós temos nos Endipes, Anpeds, seminários, pesquisas, tem que ter também e de maneira sistemática e freqüente para os professores contarem suas histórias, suas mazelas, suas dificuldades, contarem o seu sucesso, e poderem pensar em suas condutas, mas sem patrulhamento. É necessário criar e programar condições para que as coisas aconteçam. E se o que esperamos que aconteçam não



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

acontecerem, outras acontecerá. Temos que aprender a lidar com elas, senão faremos da formação uma ditadura mascarada.

Campinas, dezembro de 2005. (Entregue no 2º semestre de 2007).

Revista
Profissão Docente